

ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN NA AMAZÔNIA E NO CERRADO

EDITORIAL

A Revista Desafios apresenta o *Dossiê Arquitetura, Urbanismo e Design na Amazônia e no Cerrado*, cuja produção teve início com o edital de chamada pública em julho de 2021. Cabe destacar que a organização deste dossiê ocorreu em meio a um cenário turbulento e de grande instabilidade política e econômica, decorrente dos ataques sistemáticos do governo Jair Bolsonaro à educação, com repercussão direta na produção científica brasileira, tanto pela política de desmonte, por meio de cortes orçamentários, quanto pelo fomento de narrativas negacionistas e *fake news* relacionadas à pandemia da Covid-19, que causou a morte de mais de 690 mil pessoas no Brasil.

A temática deste dossiê foi idealizada com o intuito de fomentar a proposta de criação de um Programa de Pós-Graduação *stritu sensu* em Arquitetura e Urbanismo, no âmbito da Universidade Federal do Tocantins (UFT). À medida que refletimos sobre a “colonialidade do saber”¹ no território brasileiro, constatamos que as regiões Sul e Sudeste detêm a totalidade das pesquisas em arquitetura e urbanismo, consequência da concentração histórica dos programas de pós-graduação em seus territórios. Somente em 2010 foi criado o primeiro Programa em Arquitetura e Urbanismo do Norte do Brasil, o da Universidade Federal do Pará (PPGAU – UFPA), acolhendo também o único Doutorado em Arquitetura e Urbanismo na Região Panamazônica.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFT tem concentrado sua produção acadêmica nas questões urbanas, em particular, sobre a cidade de Palmas. No entanto, a capital do Tocantins, com pouco mais de 300 mil habitantes e junto com Araguaína, são as únicas cidades médias do Estado. Os demais 137 municípios têm menos de 100 mil habitantes, sendo que a maioria deles sequer chega aos 20 mil moradores e moradoras (IBGE, 2021). Praticamente a totalidade da população tocantinense mora em pequenos

¹ LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

municípios, onde a divisão entre espaços urbano e rural é difusa e pouco marcada. Este cenário atesta uma demanda reprimida por capacitação em arquitetura e urbanismo na região da Amazônia Legal, da qual o Tocantins faz parte.

Com este dossiê, a Revista Desafios buscou contribuir com uma produção científica qualificada, trazendo temas relevantes sobre arquitetura, urbanismo e *design*, a partir dos dois maiores biomas brasileiros - Amazônia e Cerrado, com destaque para o Tocantins, Estado pertencente a zona de transição geográfica entre o cerrado e a floresta amazônica, sendo 91% do seu território composto pelo bioma Cerrado (IBGE, 2007), embora nos últimos anos tenha sido sistematicamente devastado, com o avanço acelerado da fronteira agrícola, sobretudo na região do MATOPIBA² (PRODES, INPE, 2022).

Os artigos que compõem este dossiê focam em perspectivas emergentes, alguns abordam novas epistemologias, como o pensamento decolonial, os saberes das populações ribeirinhas e quilombolas, comunidades que sobrevivem dos recursos naturais e são conhecedoras da biodiversidade em questão.

O artigo “Modos de Morar das Ruralidades de Resistência não capitalistas no Tocantins”, de Andréia Moassab, Cláudio Ribeiro, Gracielle Souza e Patrícia Reis, trata sobre a comunidade quilombola de Barra da Aroeira, a partir de uma abordagem etnográfica e semiótica, em conexão com a análise geohistórica e política, para adentrar este território de vasto conhecimento ancestral e resistência não capitalista. O estudo buscou responder a seguinte questão: seriam os quilombos capazes de fornecer elementos para um giro decolonial da categoria do *comum*? O debate eurocêntrico sobre o *comum*, a despeito de sua importância, apresenta alguns limites no que diz respeito ao processo histórico da violenta dominação colonial nas Américas, cuja resistência negra e indígena apontam para caminhos outros. A resistência converge com a autonomia construtiva e com a liderança das mulheres na coesão social e na luta pela terra.

Em “As teias das identidades políticas: tecendo uma práxis da autonomia em Arquitetura”, Andréia Moassab e Gabriel Cunha abordam de forma mais ampla discussões teórico-metodológicas e ferramentas conceituais. O artigo colocou em diálogo o materialismo histórico dialético e o pensamento decolonial, para uma compreensão geopolítica do fazer arquitetura com, na e a partir da América Latina. Este exercício

² MATOPIBA é um termo que denomina a região que se estende por territórios de quatro estados do Brasil, formado com as primeiras sílabas dos nomes dessas unidades federativas: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

dialético deve ser feito a partir do território, necessariamente conectando as suas várias escalas, cada qual demandando distintas abordagens, indissociáveis e complementares.

Na escala do edifício, o artigo de Celma Chaves, “Os mercados públicos como espaços de disputas na cidade. O caso de São Brás em Belém (PA)”, aborda o mercado não somente como patrimônio arquitetônico ou como espaço de abastecimento, mas também como equipamento público muitas vezes alvo de interesses nem sempre convergentes com as necessidades sociais, principalmente quando são objetos de propostas de requalificação, restauração e refuncionalização como é o caso do Mercado de São Brás.

Com ênfase no protagonismo, o artigo de Claudia Nascimento, intitulado “Sergio Bernardes, Um Carioca na Amazônia: Utopias e Projetos (1968-1983)”, trata de um arquiteto originário da escola carioca e suas contribuições para a arquitetura da Amazônia, tanto no âmbito da cultura arquitetônica quanto em sua inserção projetual dentro do contexto histórico das políticas desenvolvimentistas do período, buscando compreender as relações históricas da modernidade, a partir de sua obra, e o contexto em que se insere, as décadas de 1960 a 1980.

Na escala do território, o artigo “Atlas (e glossário) de estruturas híbridas produzidas pela urbanização da Amazônia Oriental”, de Ana Cláudia Cardoso e Cristina Cardoso, consiste na produção de seis verbetes ligados ao espaço periurbano da Amazônia Oriental, ao manejo e preservação ambiental, à multiescalaridade e à resistência dos povos que habitam estes territórios e suas representações. A pesquisa revelou a coexistência de arranjos sociais complexos e diversos e uma dialética rural-urbano, aos quais se sobrepõem questões de (re) existência, frente a degradação ambiental e violência simbólica, camponesa e população tradicional distribuída no território do município estudado, mas análogas a outras inúmeras situações de pressão pela produção de *commodities*.

O artigo de João Bazzoli, sobre a produção do espaço rural e urbano na escala territorial, intitulado “Estatuto da cidade: (in)aplicação na Amazônia Legal”, trata do debate sobre a função social da propriedade e a regularização fundiária urbana; discutindo a referida legislação que não alcançou os pequenos municípios, especialmente aqueles com população menor de vinte mil habitantes, visto que não estão obrigados a elaborar o Plano Diretor Municipal.

A partir da escala da praça, o artigo “A influência da arborização urbana no desempenho ambiental”, de Thaís Melz e Mariela Oliveira, busca compreender as

relações entre vegetação e desempenho térmico e aprimorar o uso do *software Envi-met* para simulações de conforto ambiental no contexto do bioma Cerrado.

Este dossiê também buscou fortalecer a rede de pesquisadores qualificados nas temáticas abordadas, com o intercâmbio entre núcleos, grupos e laboratórios de pesquisa, são eles: Núcleo de Estudos Urbanos e das Cidades (NEUCIDADES - UFT); Laboratório de Historiografia da Arquitetura e da Cidade (LAHAC - UFT), Grupo de Pesquisa Mulheres na Arquitetura e no Urbanismo (GPMAU - UFT); Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU - UFPA); Laboratório de Historiografia de Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA - UFPA), Grupo de Pesquisa Urbanização e Natureza na Amazônia (URBANA - UFPA); Laboratório Cidades na Amazônia (Labcam/FAU/PPGAU/UFPA); Laboratório de Práticas de Projeto e Pesquisa da Universidade Federal de Roraima (LPPP); Núcleo de Arquitetura Moderna na Amazônia (NAMA); Grupo de Estudos multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul (MALOCA); Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa (CIEG/ISCSP/ULisboa) e Faculdade de Engenharia, Universidade da Beira Interior (UBI), parcerias internacionais.

Seguindo a proposta inicial, este dossiê acolheu artigos de caráter interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo várias escalas e dimensões analíticas (social, histórica, ambiental, cultural, econômica e política) e suas interlocuções com arquitetura, urbanismo e *design* relacionados aos biomas da Amazônia e do Cerrado, com destaque para estudos acerca da construção e do viver a partir das epistemologias e ontologias regionais, bem como a análise do processo histórico de ocupação, transformação e consolidação desses territórios e paisagens; dos saberes de suas populações tradicionais e urbanas, bem como do conhecimento gerado a partir dos conflitos e lutas em curso, com atenção às implicações da expansão do agronegócio e considerando a importância e a autonomia das populações tradicionais.

Boa Leitura!

Palmas, 30 de dezembro de 2022

Celma Chaves Pont Vidal, Patrícia Orfila Barros dos Reis, Patrícia Santos Pedrosa.